

DERMATITE ALÉRGICA À PICADA DE PULGAS (DAPP)

Camila Bazan Gonçalves Lima¹; Talytha Marcondes de Souza¹; Ane Pamela Capucci Torres^{2,5}; Gismelli Cristiane Angeluci^{3,5}; Maria Francisca Neves^{4,5*}

¹ Graduanda em Medicina Veterinária, Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS; ² Médica Veterinária; Doutora em Medicina Veterinária Preventiva – UNESP; ³ Médica Veterinária; Mestre em Ciência Animal - UNOESTE; ⁴ Médica Veterinária; Doutora em Patologia Veterinária – UNESP; ⁵ Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

* autor correspondente: mariafranciscaneves@yahoo.com.br

RESUMO

A dermatite alérgica à picada de pulga é uma dermatopatia pruriginosa com uma numerosa ocorrência no Brasil, devido ao clima quente e úmido o que favorece o ciclo biológico desses insetos. Essa dermatite acomete em animais que desenvolvem alergia a saliva das pulgas, o principal sintoma é o prurido, que em consequência gera alopecia e infecções secundárias. O tratamento é feito controlando os ectoparasitas no animal e principalmente no ambiente porque, na maior parte do tempo, esse inseto se encontra no meio ambiente e não no animal. Assim, para o controle dessa dermatopatia é importante que o tutor entenda como fazer corretamente o controle desse parasita. O presente artigo tem como objetivo fazer um levantamento bibliográfico buscando artigos recentes sobre essa dermatite, problema muito comum na clínica de pequenos animais.

PALAVRAS-CHAVE: dermatite; prurido; alergia; pulgas; ectoparasitas; DAPP.

1 INTRODUÇÃO

Os animais de estimação antigamente eram adotados com a finalidade de proteger a casa ou até mesmo para auxiliar na prática de caça, mas atualmente esse perfil de criação mudou, ultrapassando a barreira de propriedade, devido a construção de uma relação afetiva e interativa, esses animais têm sido considerados membros da família (CARVALHO; PESSANHA, 2013).

Nesse cenário, a preocupação com a saúde do animal, sua alimentação, sua longevidade e seu bem-estar se tornam muito importantes, causando uma ampla procura por profissionais veterinários especializados, para cuidarem de seu animal de estimação, o qual pode ocupar em alguns casos uma posição filial dos tutores (NOGUEIRA JR; NOGUEIRA, 2009).

De acordo com Menezes (2019), os casos de animais atendidos com dermatites condizem a mais de 20% na clínica médica de pequenos animais, sendo a

maioria cães, na relação racial de animais com dermatopatias foi observado uma maior frequência de caninos SRD (Sem Raça Definida), cerca de 26,56%, e em segundo lugar, com mais de 9%, cachorros da raça Yorkshire Terrier.

Os casos de dermatites alérgicas em pequenos animais são frequentes, e dentre as diversas dermatites, a dermatite alérgica à picada de pulga (DAPP), possui grande incidência no Brasil, devido ao clima quente e úmido ser comum em qualquer época do ano, sendo favorável ao ciclo da pulga, mas a sua ocorrência não ultrapassa a das dermatopatias parasitárias, imunológicas, bacterianas e fúngicas (GASPARETTO et al., 2013; VASCONCELOS et al., 2017).

A dermatite alérgica à picada de pulga (DAPP) é uma dermatose pruriginosa, que afeta cães e gatos picados por pulgas, repetidas vezes ou de forma intermitente, ocasionando a hipersensibilidade imediata, devido às proteínas presentes na saliva das pulgas (HNILICA,

2012).

O sinal clínico mais comum da doença é o prurido, e no ato de se coçar, é desenvolvido alopecia, lesões secundárias como escoriações e infecções. Esses sinais são distribuídos pela região dorsal, pela cauda, ânus, coxa, abdômen e pescoço (ZACHARY; MCGAVIN, 2013). O diagnóstico é feito com base na anamnese e no exame clínico. Para um tratamento e profilaxia eficientes, além dos medicamentos utilizados nas lesões, se faz necessário o controle do parasita no animal e no meio ambiente (SILVA et al., 2012).

Este artigo tem como objetivo fazer um levantamento bibliográfico utilizando os artigos mais recentes sobre o assunto, dando ênfase em tópicos como a etiologia, a epidemiologia, a incidência, a fisiopatologia, os sinais clínicos, o diagnóstico, o tratamento e o controle.

2 DERMATITE ALÉRGICA À PICADA DE PULGAS (DAPP)

2.1 Etiologia

As pulgas são ectoparasitas pequenos, hematófagos e sem asas, que saltam para conseguirem alcançar os seus hospedeiros, que são em sua grande maioria animais endotérmicos, mais especificamente, mamíferos. Apenas 5% das pulgas adultas habitam na pele do hospedeiro, o que significa que a população de pulgas vive no ambiente (LINARDI, 2017; FERNANDES, 2014).

É importante ressaltar que as pulgas com maior registro de ocorrências são do gênero *Ctenocephalides*, e na América do Sul existe duas espécies registradas desse gênero, a *Ctenocephalides felis* e a *Ctenocephalides canis*, que acometem cães e gatos. A espécie que contém a maior incidência é a *C. felis*, pois ela foi encontrada em 17 estados do Brasil, enquanto foram registradas infestações de *C. canis* em apenas 9 estados, isso também significa que as duas espécies podem ocorrer na mesma região geográfica brasileira (LINARDI; SANTOS, 2012).

Esse gênero é o causador da dermatite alérgica à picada de pulgas nos cães e nos gatos (FERNANDES, 2014).

2.2 Incidência

De acordo com Menezes (2019), na clínica dermatológica a quantidade de animais da espécie canina excedeu a felina nos atendimentos, e suas frequências corresponderam respectivamente a 89,50% e 10,48%. Dentre as dermatopatias que foram acompanhadas, as dermatites alérgicas possuíram uma frequência de 44,05%, uma porcentagem maior em comparação com dermatopatias bacterianas e parasitárias (MENEZES, 2019).

Dentro das estatísticas de Amarante (2012), entre as dermatites alérgicas, a Dermatite Atópica (DA) possui uma frequência maior do que a DAPP. E esse resultado pode diferir devido vários fatores como, predisposição genética, exposição a poluentes, vacinas disponíveis, como também dificuldade de diagnosticar a DAPP.

Para Oliveira et al. (2012), a DAPP é uma doença de caráter alérgico bastante comum na clínica de caninos e, geralmente, acomete animais jovens com oito meses de idade, sendo a maioria machos, apesar de não existir predisposição sexual nas reações de hipersensibilidade (SILVA et al., 2009).

2.3 Fisiopatologia

A DAPP é uma inflamação na pele, que é desenvolvida por animais com tendência alérgica à saliva das pulgas, essa inflamação ocorre após a pulga picar a pele e injetar saliva no animal, enquanto ela se alimenta de seu sangue, essa picada causa uma reação de hipersensibilidade nos animais alérgicos, devido as proteínas presentes em sua saliva, que estimulam a produção de anticorpos no animal (SCOTT et al., 2001). Essa reação alérgica é uma hipersensibilidade do tipo imediata, porque o prurido começa logo após a picada do inseto, mas também é considerada do tipo tardia, pois esse

prurido continua mesmo depois da eliminação das pulgas (FERNANDES, 2014).

A hipersensibilidade imediata (Tipo I) ocorre quando proteínas existentes na saliva, são reconhecidas por anticorpos do tipo imunoglobulinas E (IgE), produzidos numa infecção prévia do animal, e essa ligação, antígeno-anticorpo, estimula a degranulação de mastócitos, o que gera o aparecimento rápido dos primeiros sinais clínicos no hospedeiro como inflamação na pele, prurido e dor (BROOKS, 2010). Já a hipersensibilidade tardia (Tipo IV), acontece através dos linfócitos T, que liberam citocinas, ativando as células de defesa contra o antígeno invasor. A reação tardia aparece após 24-72 horas após o estímulo alérgico (BROOKS, 2010). Já a hipersensibilidade imediata de fase tardia, são reações dependentes de mastócitos e ocorrem de quatro a oito horas após a exposição ao antígeno, persistindo por até 24 horas. Por outro lado, a reação de hipersensibilidade cutânea com predominância de basófilos pode ser mediada por Linfócitos T ou por imunoglobulina E e G e, no local, aparece um infiltrado basofílico com grande deposição de fibrina (SCOTT et al., 2001; FERNANDES, 2014).

2.4 Sinais clínicos

Cada animal apresenta um limiar de prurido, quando excedido, se torna evidente os sinais clínicos de origem pruriginosa (Figura 1). A gravidade da DAPP depende da gravidade alérgica, o número de pulgas e também da quantidade de antígenos injetados no hospedeiro (FERNANDES, 2014).

Os sinais mais comuns observados são o prurido que pode ser de moderado a intenso, podendo levar a lesões secundárias como escoriações, feridas com secreção sanguinolenta e crostas. Nos locais acometidos ao se coçar o animal pode obter hipotricose que evolui para alopecia (Figura 2). Também pode ocorrer infecções secundárias, como

seborreia e piodermite. A DAPP atinge principalmente a cauda, ânus, região dorsal, coxas, abdome e pescoço do animal (SILVA et al., 2012).

Figura 1. Sinais clínicos. Cão apresentando lesão alopecia por causa de prurido.



Fonte: Extraído de Oliveira et al., 2012.

Figura 2. Sinais clínicos. Alopecia (falta de pelo) em felino.



Fonte: Extraído de Silva et al., 2009.

Cães que não possuem hipersensibilidade à picada da pulga podem não apresentar sinais clínicos, porém mesmo sendo assintomáticos o animal pode desenvolver anemia, teníase, irritação cutânea discreta, dermatite piotraumática ou dermatite acral por lambedura (FERNANDES, 2014).

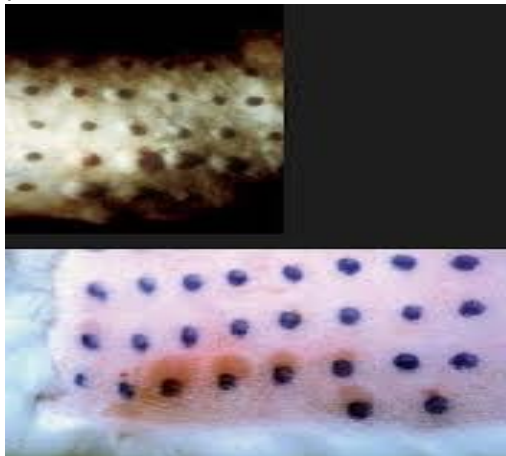
2.5 Diagnóstico

O diagnóstico é baseado em informações do histórico clínico e da

distribuição das lesões do animal. A presença de pulgas e de suas fezes é útil para confirmar o diagnóstico, porém nem sempre são encontradas, possivelmente por consequência de um banho recente (KUHL; GREEK, 2005; FERNANDES, 2014).

Testes intradérmicos (Figura 3) com antígeno de pulga revelam reações imediatas positivas em 90% dos animais alérgicos a pulga, mas reações tardias podem ser observadas em pacientes que não apresentam reações imediatas. Em cães com DAPP, revela graus variáveis de dermatite perivascular ou intersticial superficial, com frequente predomínio de eosinófilos. Entretanto, estes testes intradérmicos e biópsias cutâneas podem não identificar todos os animais com DAPP, e por isso, a resposta positiva ao tratamento e ao controle adequado de pulgas se torna o teste diagnóstico mais preciso (SCOTT et al., 2001; FERNANDES, 2014).

Figura 3. Diagnóstico. Teste intradérmico positivo realizado em felino.



Fonte: Extraído de Prost, 2009.

2.6 Tratamento

No tratamento deve ser realizado o controle dos ectoparasitas no paciente e no ambiente, este controle deve ocorrer simultaneamente no paciente e ambiente, para que se previna uma futura contaminação (SILVA et al., 2012). Comumente há necessidade de um tratamento

simultâneo com corticosteroides (prednisona ou prednisolona, por via oral, 0,25-1 mg/kg a cada 24-48 horas durante três a sete dias) para o alívio do prurido e os anti-histamínicos podem ser administrados em conjunto com os corticosteroides para que sua dose possa ser reduzida. Casos de infestações ou sinais clínicos severos ou quando o resultado de corticosteroides é insatisfatório, o anti-histamínico ou produtos contendo ômega 3 e 6 podem trazer melhores resultados. A diminuição do prurido do paciente é um indicativo que a DAPP está sendo controlada (FERNANDES, 2014).

A criação de diferentes e eficazes tipos de tratamento contra infestações de ectoparasitas em animais de companhia são importantes, pois estes parasitas podem se tornar tolerantes as opções já existentes, podendo desenvolver resistência a eles (COLES; DRYDEN, 2014).

As pulgas adultas que habitam a pele dos animais representam apenas 5% do total da população de pulgas no ambiente em questão. Por isso, compreender o ciclo de vida da pulga se torna extremamente importante. Os produtos adulticidas ou combinações de adulticidas com reguladores de crescimento são altamente eficazes no tratamento e prevenção no animal e infestações ambientais. Em climas quentes, é importante que o controle seja feito durante todo o ano (FERNANDES, 2014).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A DAPP é uma dermatose importante na clínica de pequenos animais, por ser constantemente encontrada em cães, e por também acometer gatos, mesmo que seja em menores proporções. Visto que, o Brasil possui um clima quente e úmido, favorável ao ciclo da pulga, os tutores deviam levar mais em consideração o risco de contaminação pelos ectoparasitas durante o ano, levando em conta a aflição que ele irá passar caso seu animal de estimação seja afetado com essa

dermatopatia, como também a inquietação e desconforto que seu animal irá sentir com o prurido, e possivelmente sintomas secundários.

Como a maioria das pulgas vivem no ambiente ao redor do animal, é relevante aderir medidas preventivas de ectoparasitas através da profilaxia, com o objetivo de quebrar o ciclo da pulga. Vale ressaltar também a importância da utilização de aduicidas na prevenção de pulgas no animal, visando o seu bem-estar.

REFERÊNCIAS

- AMARANTE, C. F. Análise Epidemiológica das Dermatopatias de uma População Canina Atendida no Período de 2005 a 2010 no Setor de Dermatologia do Hospital Veterinário da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. 2012. 131 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Instituto de Veterinária, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica.
- BROOKS, H. Pathology and the immune system. In: General Pathology of Veterinary Nurses. New York: Willey-Blackey, cap. 5, p. 90-122, 2010.
- CARVALHO, R. L. S.; PESSANHA, L. D. R. Relação entre famílias, animais de estimação, afetividade e consumo: estudo realizado em bairros do rio de janeiro. Revista sociais e humanas, Santa Maria, v. 26, n. 03, p. 622-637, set./dez. 2013.
- COLES, T. B.; DRYDEN, M. W. Insecticide/acaricide resistance in felids and ticks infesting dogs and cats. Parasites & Vectors, London, v. 7, n. 8, p. 1-10, jan. 2014.
- FERNANDES, F. B. Controle de *Ctenocephalides* spp. em cães com dermatite alérgica à picada de pulga. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina Veterinária) – Faculdade de Veterinária, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 38 f., 2014.
- GASPARETTO et al. Prevalência das doenças de pele não neoplásicas em cães no município de Cuiabá, Mato Grosso. Revista Pesquisa Veterinária Brasileira, Cuiabá, v. 33, n. 3, p. 359-362, mar. 2013.
- HNILICA, K. A. Dermatologia de Pequenos Animais: Atlas colorido e quaterapêutico. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Elsevier, 2012.
- KUHL, K. A.; GREEK, J. S. Pulgas e controle de pulga. In: RHODES, K. H. Dermatologia de pequenos animais – consulta em 5 minutos. Rio de Janeiro: Revinter, 2005. p.185-189
- LINARDI, P. M. Checklist dos Siphonaptera do Estado do Mato Grosso do Sul. Revista Ilheringia: Série Zoologia, Belo Horizonte, v. 107, p. 1-6, fev. 2017.
- LINARDI, P. M.; SANTOS, J. L. C. *Ctenocephalides felis felis* vs. *Ctenocephalides canis* (Siphonaptera: Pulicidae): algumas questões para identificar corretamente estas espécies. Revista Brasileira de Parasitologia Veterinária, Jaboticabal, v. 21, n. 4, p. 345-354, dez. 2012.
- MENEZES, G. P. dos S. Frequência de dermatopatias caninas e felinas atendidas no setor de dermatologia veterinária no HOVET - UFRPE durante o estágio supervisionado obrigatório. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Medicina Veterinária) – Departamento de Medicina Veterinária, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 73 f., 2019.
- NOGUEIRA JR, S.; NOGUEIRA, E. A. Alimentos para animais de estimação resistem à crise econômica. Revista Análises e Indicadores do Agronegócio, São Paulo, v. 4, n. 11, p. 1-5, nov. 2009.
- OLIVEIRA et al. Dermatite alérgica à picada de pulga: Relato de Caso. Revista XVII Seminário interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão: Ciência,

Reflexidade e (In) Certezas, Cruz Alta, v. 17, p. 1-4, set./out. 2012.

PROST, C. Feline atopic dermatitis: Clinical signs and diagnosis. *European Journal of Companion Animal Practice*, v. 19, n. 3, p. 223-229, 2009.

SCOTT, D. W.; MILLER, JR.W. H.; GRIF-FIN, C. E. Parasitic skin disease. In: SCOTT, D.W.; MILLER, JR.W.H.; GRIF-FIN, C.E. *Small animal dermatology*. 6. ed. Philadelphia: Elsevier, p.423-516, 2001.

SILVA et al. Dermatite alérgica à picada de pulga: Diagnóstico clínico. Trabalho de Extensão (Atendimento a pequenos animais com lesões dermatológicas de origem bacteriana/fúngica) – Hospital

Veterinário da Escola de Veterinária, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 5 f., 2012.

SILVA et al. Estudo casuístico de dermatites por reacção de hipersensibilidade em cães e gatos. *Revista Portuguesa de Ciências Veterinárias*, Viseu, v. 104, n. 569-572, p. 45-53, 2009.

VASCONCELOS et al. Caracterização Clínica e Histopatológica das Dermatites Alérgicas em Cães. *Revista Pesquisa Veterinária Brasileira*, Campina Grande, v. 37, n. 3, p. 248-256, mar. 2017.

ZACHARY, J.F.; MCGAVIN, M.D. *Bases da Patologia em Veterinária*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Elsevier, 2013.